



LIBERDADE

INFORMATIVO do CÍRCULO de ESTUDOS LIBERTÁRIOS IDEAL PERES - CELIP/RJ
www.celip.cjb.net # CAIXA POSTAL 14.576 - CEP 22412-970 - Rio/RJ - BRASIL # e-mail: celip@bol.com.br
Reuniões do CELIP todas às terças, às 18:30 h, no IFCS/UFRJ, Lgo. de São Francisco, 1 - Centro - Rio/RJ
Biblioteca Social Fábio Luz, sábados de 9:00h às 17:00h, Rua Torres Homem, 790 - Vila Isabel

DROGAS! QUAIS DELAS?

Toda vez que a Rede Globo lança um tema de caráter humanitário na "novela das oito", este ganha a dimensão de discussão nacional. Foi assim no caso das crianças desaparecidas e, agora, com as drogas. Não estamos aqui para engrossar o coro global e, muito menos, questionar se as drogas podem destruir a vida de uma pessoa. No entanto, acreditamos que todas instituições que promovem as campanhas, ou simplesmente, fazem discurso anti-drogas estão, subliminarmente, colocando um posicionamento ideológico.

Recentemente, no Jornal Nacional, foram veiculadas imagens de dois garotos que vivem nas ruas de uma grande capital do país, nas quais estes quebravam com uma pedra a janela a janela de um carro estacionado, a fim de roubar o toca-fitas. As imagens são fortes mas, a afirmação do apresentador do telejornal é que nos parece estranha. Com aquele "padrão global de comunicação", sem alterar a voz ou sem aparentemente estar dando qualquer opinião, o narrador afirma que "esses garotos estão roubando o toca-fitas para comprar drogas". A afirmação foi feita mas, em nenhum momento, se provou que os garotos roubaram o toca-fitas para comprar drogas. Até o momento da veiculação da imagem, os menores não haviam sido presos, muito menos foram entrevistados ou, sequer, foram mostradas imagens desses garotos se drogando. É possível que esses meninos estivessem roubando apenas para comprar drogas, mas eles também podem estar roubando para comprar drogas e comida. Quem sabe eles roubaram para comprar um remédio caríssimo em uma drogaria (de qualquer forma isso seria roubar para conseguir droga...). Talvez eles quisessem apenas comprar um tênis daquela marca do Ronaldinho, afinal eles têm os desejos de qualquer criança.

Atualmente em São Paulo, está proibido vender bebida alcoólica após a uma da madrugada, e estão querendo mudar

a lei para que a proibição seja aplicada a partir de meia-noite. Estatísticas comprovam que onde a lei foi aplicada o número de delitos diminuiu. Não vamos brigar contra as estatísticas, mas esse caso parece reafirmar o caráter ideológico que estão colocando nos discursos contra as drogas lícitas ou ilícitas. Quem ouve os agentes de segurança falando tem a nítida impressão de que está tudo perfeito no mundo e que a única coisa que estraga nossa paz social é o consumo "injustificável" de drogas. Percebam que sempre tentam vincular toda a espécie de delito ao consumo ou tráfico de drogas.

Se nós, militantes libertários, fôssemos cair nessa campanha anti-drogas que deturpa a realidade, poderíamos argumentar assim: no ano passado a Volkswagen anunciou a demissão de 1.500 operários. Comenta-se no meio sindical que esta agressão contra a classe trabalhadora, com graves consequências sociais

aconteceu em uma reunião onde os diretores dessa multinacional estavam sob efeito de drogas e álcool. Ninguém iria acreditar em tal argumentação, afinal, fez-se acreditar que meter um dedicado trabalhador no "olho da rua" é um direito da empresa e que, portanto, não é uma forma de violência.

Nós não podemos aceitar essa postura da mídia que coloca a droga como a única responsável por todos os nossos males. Assim esquecemos do trabalho alienado, da demissão sem motivo, da violência do Estado, dos salários de fome, do déficit habitacional, da falta de saneamento básico, da desigualdade da distribuição de renda, dos ataques de FHC aos direitos dos trabalhadores, etc...

Entre nós, temos a convicção que a decisão de tomar drogas é algo de foro íntimo, mas temos que discutir o que fazer quando vemos um companheiro se destruir por causa do consumo de drogas, ou quando percebemos que a militância está sendo prejudicada por conta da bebedeira de alguém. Essas são discussões que temos de fazer sem envolver paixões, evitando dar um caráter ideológico que possa nos desviar da realidade.



"Apenas as derrotas proporcionaram ao homem a sua plena força de ataque"

Stefan Sweig

Entrevista com a Construção Libertária Goiana (CLG)

O que é a CLG?

A *Construção Libertária Goiana* é uma organização de minoria ativa que se propõe a apoiar e estimular os movimentos populares, construindo alternativas de auto-organização, de modo que a longo prazo, a partir da própria luta do povo oprimido, se dê a efetivação do Poder Popular.

E o que vocês da CLG entendem por Poder Popular?

O Poder Popular representa uma ruptura com as estruturas de dominação presentes na sociedade atual, que são estruturas centralizadas. Este poder significa as próprias formas de organização que o povo oprimido cria na luta e que serão forças gestoras de uma nova sociedade. O Poder Popular é uma alternativa em aberto, ele vai sendo construído no próprio caminhar das lutas por uma outra sociedade.

A gente sabe que vários partidos e organizações reivindicam como objetivo a construção de um poder que seja do povo, ou para o povo. A própria prefeitura de Goiânia usa o slogan: "Você fazendo parte", dando uma idéia de que existe uma participação popular. Mas a gente sabe também que a prática e o caminho escolhido por estes vários partidos e organizações é que vão determinar o cumprimento desse objetivo.

Qual o caminho e a prática que vocês traçaram para a CLG?

É preciso nos diferenciar dos partidos políticos. Primeiro, pela intervenção nas estruturas do Estado. Os partidos vêem como importante participar do Estado como forma de alcançar os seus objetivos. Para nós, a participação do Estado não garantirá transformação popular, a transformação deve ser obra do próprio povo, a partir das organizações populares e não das estruturas oficiais. Buscando eleger os seus candidatos, os partidos acabam por atrelar os movimentos populares a seus próprios interesses. Nós buscamos atuar nos bairros, nas vilas, nas escolas e trabalhos, no cotidiano do povo oprimido por que entendemos que é partir dali que poderemos fazer avançar a transformação social.

Nos diferenciamos dos partidos também devido a idéia de vanguarda. Os partidos buscam dirigir os movimentos populares para os seus objetivos, ao invés de buscar construir uma alternativa pelo próprio povo. Nós não queremos dirigir o povo para o objetivo nenhum, queremos construir enquanto povo oprimido uma alternativa coletiva, queremos buscar Protagonismo Popular.

Por último, diferenciamos dos partidos pelo Reformismo. Entrando no Estado, os partidos buscam alternativas paliativas, reformas que gerariam um capitalismo mais humanizado, ao invés de atacar as bases da dominação da sociedade atual, romper com as estruturas autoritárias para construir uma alternativa popular. Esta alternativa só pode ser conquistada pela ação direta do próprio povo.

Enquanto caminhos e práticas adotadas pela CLG sabemos que o nosso objetivo é a longo prazo e que para alcançá-lo, devemos traçar objetivos a médio e curto prazo. Para nós, é importante a inserção social, isto é, inserirmos em bairros, escolas e locais de trabalho, onde quer que oprimido estiver, estaremos criando identidade com a população local, nos tornando peixe dentro d'água.

A partir disto, pretendemos criar junto à população local propostas para questões concretas relacionadas ao bairro: projetos relacionados à educação, moradia, emprego, saúde, etc. Cada projeto criado no bairro, escola ou trabalho é capaz de gerar ali um pólo de auto-organização popular. Moradores do bairro que percebem a importância concreta do projeto e passa a participar do mesmo. A união destes projetos em um bairro X dá origem aos Comitês de Luta Popular, espaços em que os moradores organizam os projetos e criam mobilizações e lutas locais. A partir da consolidação dos Comitês de Luta em vários bairros, vilas, escolas e locais de trabalho, pretendemos construir a RESISTÊNCIA POPULAR, uma organização que surge do seio do povo, e que aglutine as várias lutas locais em uma luta geral do povo oprimido.

A CLG é uma organização que se prende em âmbito goiano ou ela pretende se articular nacionalmente?

A CLG visa se articular com organizações de outros estados. Fazemos parte do processo de constituição da RESISTÊNCIA POPULAR. Este processo atualmente representa a troca de experiências de organizações que possuem princípios em comum. Existem 7 estados envolvidos neste processo nacional: RS, SP, PA, RJ, GO, BA e MT.

Quais são os princípios que unificam estas várias organizações?

A *atuação e prática descentralizada*, que significa que nós nos organizamos sem chefes ou líderes, mas com todos participando e decidindo juntos, coletivamente. Significa também que em cada projeto de organização popular buscamos uma organização descentralizada, onde enquanto povo oprimido, saibamos nos auto-organizar.

A *Ação Direta*, que significa que não devemos confiar a nossa luta às mãos de intermediários, mas enquanto povo oprimido conquistar por nossas próprias mãos a nossa liberdade.

A *independência das lutas populares*. Para nós, os partidos políticos têm atrelado os movimentos sociais, utilizando-os para interesses contrários aos interesses do povo, como forma de promoção do partido. Para nós, os movimentos populares devem ser independentes, o que garantirá esta independência é a prática descentralizada, pois se todos decidem juntos não há como uma elite que se julga vanguarda atrelar o movimento popular.

De todos estes princípios, deduz-se a nossa intenção. Construir o Protagonismo Popular. Somente o povo oprimido pode transformar de forma revolucionária a sociedade, logo é preciso que enquanto povo oprimido, através da ação direta e da auto-organização, sejamos protagonistas da nossa própria luta.

Você poderia falar mais pra gente como que se dá essa inserção social. Como que vocês dão início a esses trabalhos nos bairros em que atuam.

Para a inserção social precisamos escolher um local para atuarmos. Um bairro, uma escola ou um local de trabalho. Neste local devemos criar identidade com a população, isto é, passar a fazer parte daquela realidade, criar um vínculo concreto com os moradores e com o local de inserção. Como disse antes, nos tornarmos peixe dentro d'água.

É só a partir deste vínculo concreto que poderemos construir junto com os moradores, sem hierarquia, sem centralismo, uma alternativa para os problemas que enfrentamos diariamente.

Para nós inserirmos em um bairro, se não somos moradores do bairro, buscamos conhecê-lo, saber os problemas enfrentados, descobrindo isso com os próprios moradores. A partir disto, devemos apresentar uma proposta concreta. Por exemplo: se a maior parte dos moradores de um bairro esta desempregada, nos propomos a criar junto a eles um projeto de geração de renda. Este projeto além de atender a uma questão concreta dos moradores cria um espaço de auto-organização popular. O morador sai da casa dele para se reunir com outros moradores para discutir questões relacionadas a sua vida. Este espaço de auto-organização propiciará a criação de várias discussões em torno da realidade social em que estamos inseridos. A partir de um projeto concreto, que aparentemente não muda as estruturas de dominação da sociedade atual, cada envolvido vai construindo uma consciência da realidade em que está inserido. Um projeto de geração de renda, abre espaço para que a gente discuta mercado capitalista, autogestão econômica, divisão de classes sociais, etc...

Além do debate que se cria a partir do cotidiano da população, estes projetos são espaços de mobilização para a luta. Os moradores envolvidos no projeto passam a se mobilizar, muito mais facilmente, para lutar por questões gerais que os afetam: é lutar por escolas no bairro, por luz, por água, por saneamento básico.

A partir destas lutas locais, pontuais, vai sendo formada uma nova consciência sobre a realidade. O próprio povo em luta vai construindo uma nova forma de pensar o mundo e a sociedade e vai encontrando alternativas populares para a realidade em que vivemos. É a partir daí que vamos percebendo que é só a nossa luta, enquanto oprimidos, que poderá fazer avançar os nossos objetivos.

Esta nova consciência, se constrói a percepção de que os vizinhos do bairro do lado e do outro lado da cidade, também vivem a mesma realidade em que vivemos e que se unirmos poderemos avançar a nossa luta.

É aí que entra a necessidade de construção da Resistência Popular, uma organização nascido do nosso seio de povo oprimido. É assim que buscamos construir o poder popular. A partir da nossa luta e da nossa auto-organização enquanto oprimidos do mundo.

E como que a partir dessa inserção, que visa construir o poder popular, vocês se situam frente aos movimentos sociais da atualidade?

A maior parte dos movimentos sociais da atualidade estão atrelados a partidos políticos, se encontrando burocratizados, hierarquizados, sem capacidade de mobilização popular para a luta.

Os sindicatos, as associações de bairro e as entidades de movimento estudantil são exemplos de movimentos que são usados, muitas vezes, como curral eleitoral ou como trampolim político para políticos profissionais. Eles se apresentam também presos a lutas segmentadas, corporativistas.

Nós não concordamos com esta prática e buscamos combater a hierarquia e a falta de independência das entidades populares. Para isto é que pretendemos apoiar e estimular os movimentos populares que sejam combativos e construir espaços de auto-organização popular como instâncias legítimas de luta do povo oprimido.

**Assinatura anual de apoio (seis exemplares - R\$ 7,00);
pacote de 10 Liberas (R\$ 3,00).**

Depósitos: Bradesco - Ag. 0026-4 - c/c: 240.765-5 - a/c

Renato Ramos. Envie comprovante de depósito para o

CELIP (Aceitamos selos, dinheiro ou cheque nominal)

Tiragem: 2.000 exemplares.

**Os textos assinados não necessariamente refletem a opinião
do Coletivo Editorial do CELIP.**

Assine o Libera...Apoie a imprensa libertária!

Contatos: CLG; CP 5191; CEP 74021-970; Goiânia/GO

VILA BAKUNIN

Experiência Libertária em Petrópolis/RJ

Introdução:

Sei que existem muitos anarquistas que se sentem impotentes quando nas suas defesas do anarquismo, alguém vira e diz: “Não há nada de concreto que prove que o anarquismo funciona...”

Eu também ainda me sinto impotente, apesar de já ter vivido a experiência anarquista duas vezes.

Me sinto assim, porque sei que são poucas experiências e porque também não foram muito conhecidas, mas é por isso que resolvi contar pelo menos uma delas: a *Vila Bakunin*. Sobre esta, que apesar de tentar relatar, só dá pra entender vivendo. Posso adiantar que é o sonho de todos os anarquistas, e analisando depois de tudo ter ocorrido, para que façam mais experiências como esta, é necessário apenas uma coisa: coragem.

Como tudo começou e por quê...

Quando morei na Vila Bakunin, há 13 anos atrás, eu tinha 14 anos. Apesar de hoje em dia entender toda a importância política do que ocorreu, principalmente para se somar à história das experiências anarquistas no Brasil, eu ainda não me desliguei dos sentimentos que me atrelaram à Vila.

Para muitos, é só uma experiência, mas para mim, que era uma criança na época, foi muito mais que isso. Na verdade foi toda uma filosofia de vida que adotei e a esperança de um dia poder retomá-la de onde parou...

Meu pais, Renato e Graça, militaram muitos anos no PT. Eles realmente acreditavam que um partido político poderia ser utilizado para apenas “avançar a classe trabalhadora” e, em nenhum momento, utilizar a sua legitimidade para alcançar o poder e, na verdade, ajudar a direita a oprimir o povo. É... meus pais foram usados como muitos foram. Eles ainda tentaram fazer com que o PT fosse aquilo do começo, mas este arrumou um jeito de jogá-los para fora da estrada.

Mas meus pais não se entregaram. Não sei se por vingança ou por causa de uma percepção maior do que é o anarquismo e de como fazê-lo. Durante um ano foram feitas reuniões na minha casa com uma regularidade de uma vez por semana, às vezes mais. As pessoas eram de uma favela muito conhecida de Petrópolis. Meus pais e essas pessoas organizavam ocupações em Petrópolis, mas as únicas que deram certo, isto é, sobreviveram a traições, espionagem e influências externas, foram três: a *Vila Bakunin*, que durou um ano; a *Vila Teresa* e a ocupação *Silva Jardim*, que duram até hoje, sendo que ainda moro nesta última.

A Vila Bakunin era uma ocupação no Bairro do Retiro, um condomínio de 29 casas de luxo, com três quartos, suíte, dois banheiros, varandão, etc (acho que foi por isso que a perdemos, acharam que era muito luxo para pobre, apesar dessas casas estarem abandonadas há 12 anos).

A ocupação foi muito bem planejada. Um rapaz que trabalhava na prefeitura conseguiu um mapa do local, meu pai cronometrou o tempo para a entrada nas casas. Na verdade, o sucesso da ocupação se deu por causa do grupo, que era muito organizado, responsável e disciplinado, afinal, ninguém ali estava para brincadeira... Éramos uma equipe pronta para ganhar o jogo, tudo se encaixava, todos contribuíam com alguma coisa e, acima de tudo, tínhamos coragem.

Quando entramos, cada um pegou uma casa. A escolha foi feita na hora e a maioria ficou na mesma casa até o fim. Resistimos à polícia, resistimos à tudo desde o início e continuamos. Eram para a imprensa 60 famílias, mas para nós, na verdade, 30.

A vida na Vila Bakunin.

Tínhamos muitos planos e muitos deles não se concretizaram. Queríamos fazer uma padaria comunitária, queríamos vender nossas plantações por preços acessíveis para o resto do bairro, nós queríamos crescer, tínhamos boas idéias. Começamos a esboçar o que seria uma escola para as crianças da Vila, pois havia uma professora que dava aulas de reforço para as crianças em sua casa.

Eram rotineiras as reuniões gerais, primeiro na minha casa e, depois, numa outra que escolhemos para sede e para dar festas (nestas últimas, onde eu entrei para dar minha contribuição).

Nas reuniões eram organizadas as outras ocupações, eram dados informes sobre o andamento do processo, decididas formas para organizar a ocupação e para melhorá-la, prestação de contas, avaliados fatos cotidianos (às vezes acontecia de um roubar a galinha do outro,

etc). Para os mais interessados na luta, meu pai emprestava livros sobre anarquismo e muitos avançaram politicamente, até mesmo pela própria experiência que tiveram lá. Na verdade, não víamos a necessidade de dizer para eles o que era anarquismo, mas sim de explicar que o que estavam vivendo lá era anarquismo.

Além das reuniões, havia os mutirões, que eram feitos no domingo, quando nós colocávamos a luz, puxávamos a água da mina, consertávamos algumas coisas que precisavam, ajudávamos quem precisava, capinávamos e plantávamos. Cabe aqui fazer um elogio ao poder empreendedor do povo. A vida na Vila só foi possível porque todos entendiam um pouco de eletricidade, mecânica, engenharia, hidráulica, jardinagem, lavoura, etc. E isto é maravilhoso para se viver. Eu tive conforto na Vila, fui saudável e feliz como nunca tinha sido. Meus pais foram importantes porque éramos os únicos que entendiam de Direito e Política mas, ao final de tudo, meu pai sabia capinar, minha mãe plantar, e os outros sabiam seus direitos e entendiam por que eram pobres. Para mim, isso é o verdadeiro socialismo.

Havia também as festas, e isto foi outra coisa que minha família aprendeu: a festejar a vida.

E celebramos o verão, o outono, o inverno e a primavera. Festejávamos muito e tudo: aniversários, natal, festa junina, comemorações diversas, e depois fizemos uma rotina de festas sem nenhuma celebração que ocorria todo domingo na sede. Jogávamos futebol num campinho que fizemos e havia um grupo de jovens, do qual eu e minha irmã fazíamos parte, que organizava as festas e peças teatrais. Alguns se casaram na Vila e lá nasceram seus filhos.

Todos cuidavam muito bem de suas casas, faziam jardins, plantações, melhoravam aqui e ali. Ninguém pensava que um dia poderia sair de lá, nós vivíamos bem e na maioria do tempo, em paz.

As dificuldades...

Mas nem tudo são flores... Algumas coisas que aconteceram, lembrando hoje, são até engraçadas, como no dia em que um homem que era traficante da favela que morávamos antes de vir para a Vila, quis fazer um tráfico ali também e meus pais tiveram que barrar suas intenções. Foi difícil para nós fazer com que esse homem fosse embora, porque todos tinham medo dele, mas conseguimos. Por isso, alertamos, dentre outras coisas que acho já ter deixado implícito aqui, para quem quer fazer uma ocupação, conhecer muito bem as pessoas que farão parte dela.

No começo, tivemos problemas com uma moradora que queria alugar a casa para outra pessoa e só fomos descobrir no dia em que a pessoa estava se mudando para lá e tivemos que barrá-la de mala e cuia na mão. Esse dia foi chato para a gente, pois apareceu a polícia, e sabe como é polícia, já queria entrar na Vila, interrogar sobre a ocupação, etc. Depois disso, decidimos que nossos problemas começariam na Vila e ali acabariam, sem intervenções externas.

Além disso, tínhamos o processo, o nosso advogado era defensor público e ficávamos constantemente preocupados. De vez em quando alguém chamava meu pai ao pé-do-ouvido para perguntar. A esperança nunca morria e íamos vivendo...

Outras ocupações

Fazíamos as reuniões para outras ocupações ali mesmo na Vila, que era a sede. A da Rua Silva Jardim já estava em andamento, íamos começar a da Rua Teresa. O sucesso de uma ocupação depende de muita coisa: um bom grupo, isto é, organizado, disciplinado, consciente e coerente além de um bom planejamento da ocupação. É importante saber o se que vai ocupar – evitando escolher um local muito visado e ter mais ou menos certeza de que o dono não vai correr muito atrás. Deve-se ter um bom apoio jurídico, um bom advogado e é bom também sensibilizar a comunidade em volta e fazê-la entender a ideologia das ocupações assim, como os próprios ocupantes, o que é fundamental. Vital é ter coragem e o máximo de comprometimento, não fazer só pra provar que fez.

Não fazer só uma ocupação, fazer várias; abraçar a causa e não deixar as ocupações sem apoio; conhecer o grupo o máximo possível; ocupar lugares como prédios, condomínios, etc, que caibam grupos mais ou menos grandes. Além disso tudo, conscientizar a todos para que possam assumir o controle quando a barra sujar, não ter líderes, e que todos se sentem responsáveis.

Continua na página seguinte

No início, todos sentimos medo de fazer alguma coisa desse tipo, ainda mais quando temos filhos. Eu me lembro bem do rosto dos meus pais em muitas fases da nossa vida, lutando pela autogestão da feira de artesanato e nas ocupações, a expressão de preocupação e de cansaço. Com certeza, muitas vezes passou por suas mentes: e se isso não der certo, para onde vamos com as crianças? E se a feira for tomada pela prefeitura, como vamos trabalhar? Muitas pessoas não têm coragem de colocar o anarquismo em prática, ainda mais com três filhos. Mas eu tenho algo a dizer: faça assim mesmo, se acha que é certo; meus pais venceram e qualquer um pode. Hoje, a feira de artesanato de Petrópolis é a única no Brasil comandada por artesãos e vai indo de vento em popa (são 26 anos de luta!). Duas ocupações prosseguiram e eu moro numa delas há 12 anos; por isso tudo, eu e minha irmã fizemos nossas faculdades, coisa que é difícil para filhos de artesãos, porque vivem sem uma renda fixa e sem local de referência para trabalhar, onde também não seja explorado. Na nossa feira você encontra artesãos de verdade que vendem para pessoas dispostas a pagar bem por arte de verdade, temos nossos fregueses fixos, fazemos parte da história da cidade, somos reconhecidos. Isso tudo aliado a não ter que pagar aluguel, dá pra viver mais ou menos bem. Eu agradeço meus pais por serem anarquistas e por terem coragem. Eu e minhas irmãs também somos anarquistas e esperamos fazer melhor que eles.

O fim da Vila

A Vila Bakunin acabou num dia que não me lembro, só sei que para mim foi de repente. Fiz minhas malas às pressas, de manhã já chegavam os caminhões de mudança. Eu não queria ir, falei para o meu pai que ia me esconder embaixo da cama. Disse também pra ele que qualquer coisa a gente voltava. Ele estava visivelmente arrasado. Não gosto de lembrar muito desse dia...

Nós resistimos. Fizemos barreiras, coquetel molotov, deitamos na rua para impedir o avanço dos caminhões, paramos os ônibus (muitos diziam para irmos trabalhar e pagar aluguel como todo mundo). Meu pai foi preso e pela primeira vez eu o vi chorar. Um amigo nosso entrou embaixo do caminhão, mas o motorista não parou.

Alguns grupos ditos "de esquerda" tentaram nos ajudar, uma mulher do PT entoou uma música boba para cantarmos, mas ninguém conseguia cantar naquela hora (esse pessoal não entende nada...). Mulheres passaram mal, uma família se acovardou e saiu um dia antes, mas a maioria ficou até o fim.

Eu nunca me esqueci do sorriso e dos olhos brilhantes do advogado do dono das casas, admirando a *minha* casa, provavelmente especulando o lucro que ia ter. Eu me senti totalmente impotente, paralisada, por ser criança e por estar sendo escorraçada. Naquele dia eu me senti lixo.

Minha mãe, revoltada, levou todas as beterrabas e agriões que tinha plantado. Ficou atrás da casa sozinha escavando a terra e dizendo: "Não vou deixar nada para eles". Tinha gente nossa querendo explodir a Vila. Já que não podia ser da gente, não ia ser de mais ninguém...

O fim foi triste, porém bonito. Nunca vi pessoas defenderem tanto algo que tinham conquistado. Uma senhora entrou na frente do policial e pediu que a prendesse ao invés do meu pai. A trajetória da Vila do começo ao fim foi bonita. Todos voltaram para suas antigas casas na favela; um dia fui visitar minha amiga e ela estava morando num barraco com dois cômodos — ela, seus pais e mais 4 irmãs.

Ser derrotado é triste. Porém, sempre que me lembro da Vila Bakunin, a memória que me vem é do meu pai sentado à noite, conversando com os outros homens e tomando uma cachacinha, debaixo de um céu estrelado. Ele estava feliz, e eu também por vê-lo assim.

Mônica da Costa Santos (Petrópolis/RJ)

O que é a Cruz Negra Anarquista?

A Cruz Negra Anarquista (CNA) é um grupo de apoio a presos/as libertários/as a nível internacional, que promove a solidariedade direta com aqueles/as que foram encarcerados/as por lutar por uma sociedade diferente, baseada na solidariedade, respeito e apoio mútuo. Apoiamos as pessoas que estão na prisão por exercer uma resistência coletiva contra os ricos e seu sistema. Apoiamos quem esta preso/a por lutar contra o racismo e a xenofobia. Também apoiamos a classe trabalhadora, que por lutar em defesa de sua classe, se encontra seqüestrada nas prisões de todo o mundo. Enfim, apoiamos todas as pessoas que lutam por um mundo mais justo e sem discriminação de nenhum tipo.

A CNA solidariza-se e incita a resistência dos/as presos/as dentro das prisões, e insiste na necessidade de auto-organização dentro delas, para fazer frente a todos/as que atuam como braços executores do Estado, reproduzindo o trabalho sujo deste (policiais, funcionários/as das prisões e carcereiros/as).

O trabalho que a CNA realiza baseia-se, principalmente, em fomentar a comunicação, sempre que seja possível, entre os/as presos/as, assim como manter uma constante correspondência com os/as mesmos/as para, desta forma, atuar como ponte entre os dois mundos. Queremos difundir os casos e fazer com que as pessoas, e principalmente os/as trabalhadores/as, saibam a realidade que se vive dia a dia nas prisões de todo o mundo, isto é: repressão, torturas, assassinatos e todo tipo de maltratos físicos e psicológicos contra todos/as aqueles/as que se levantam frente ao Estado em suas mais diferentes feições.

Apoiamos qualquer tipo de campanha ou ação por alguém ou contra o sistema carcerário. Este sistema está baseado na injustiça e necessita esconder toda alteração da ordem imposta com a mesma moeda. Nós nos opomos a todo tipo de violência, opressão e tortura que exerce o Estado, assim como, também nos opomos às prisões.

A CNA é totalmente autofinanciada e, como não somos ricos/as, necessitamos de apoio e doações (envelopes, selos, etc...).

Nós nos uniremos por natureza com todos aqueles grupos que em qualquer parte do mundo trabalham por uma sociedade sem classes e baseada no apoio mútuo e na autogestão.

Esta é a CNA e de todos/as depende que este trabalho perdure até o dia que não existam mais prisões nem prisioneiros/as, nem opressão nem oprimidos/as!!!

APOIEMOS A QUEM ESTA PRESO/A POR BUSCAR A LIBERDADE!!!

Pequena História da Cruz Negra Anarquista

A origem da Cruz Negra Anarquista data de antes da Revolução Russa. Uma Cruz Vermelha Anarquista foi formada na Rússia Czarista para organizar o auxílio a prisioneiros políticos e suas famílias, e para autodefesa contra ataques políticos do exército cossaco.

Durante a guerra civil russa, a organização mudou seu nome para Cruz Negra, para evitar confusões com a Cruz Vermelha, que organizava o socorro no país. Depois que os bolcheviques tomaram o poder, a Cruz Negra mudou-se para Berlim. Ela continuou com o auxílio aos prisioneiros/as do regime bolchevique, vítimas do fascismo italiano e outros.

A despeito da crescente exigência para com os seus serviços, a Cruz Negra quebrou na década de 40 devido a simultâneos declínios nas finanças disponíveis. Mais tarde, na década de 60 a organização ressurgiu na Inglaterra, onde ela inicialmente trabalhava com prisioneiros/as da resistência espanhola contra o regime fascista de Franco.

Em 1980 a CNA voltou a se expandir e, atualmente, existem grupos em diferentes regiões do mundo.

Contatos: CNA-Brasil; CP 294; CEP 01059-970; São Paulo/SP

ENDEREÇOS LIBERTÁRIOS: CELIP/VIDEO, CP 15001. CEP 20155-970. RIO/RJ * LETRALVIRE, CP 50083. CEP 20062-970. RIO/RJ * RUPTURA/LEL, CP 4071. CEP 20001-970. RIO/RJ * CCS/SP, CP 2066. CEP 01060-970. SÃO PAULO/SP * ANA, CP 78. CEP 11525-970. CUBATÃO/SP * MLPL, CP 146. CEP 40001-970. SALVADOR/BA * APPL, CP 053. CEP 40001-970. SALVADOR/BA * NUELCA, CP 14. CEP 48000-970. ALAGOINHAS/BA * ULBS, CP 2137. CEP 11060-970. SANTOS/SP * FCL, CP 10.115. CEP 58109-970. CAMPINA GRANDE/PB * JULI, CP 308. CEP 95001-970. CAXIAS DO SUL/RS * ORL, CP 1278. CEP 66017-970. BELEM/PA * MAP/BA, CP 185. CEP 40001-970. SALVADOR/BA * FAG, CP 5036. CEP 90041-970. PORTO ALEGRE/RS * CLG, CP 5191. CEP 74021-970. GOIÂNIA/GO * RP-SP, CP 1020. CEP 08741-970. MOGI DAS CRUZES/SP * FACA, CP 1206. CEP 66017-970. BELEM/PA * AÇÃO ESTUDANTIL, CP 1000. CEP 78005-970. CUIABÁ/MT * RP-RJ, CP 15001. CEP 20155-970. RIO/RJ * LUTA LIBERTÁRIA, CP 11.639. CEP 05059-970. SÃO PAULO/SP * CNA, CP 294. CEP 01059-970. SP/SP * COMLUT, CP 768. CEP 13001-970. CAMPINAS/SP * FL, CP 951. CEP 69010-970. MANAUS/AM * GIEPS, CP 584. CEP 14801-970. ARARAQUARA/SP * LIBELUTA, CP 1062. CEP 88330-970. CAMBORIÚ/SC * OPÚSCULO LIBERTÁRIO, CP 15. CEP 11401-970. GUARUJÁ/SP * AFIM, CP 2744. CEP 59022-970. NATAL/RN



...AMORE MIO